

# O ENCONTRO DAS MÁSCARAS

12ª Semana Nacional de Museus



# O ENCONTRO DAS MÁSCARAS

A exposição **O Encontro das Máscaras** foi idealizada pelo Museu Afro-Brasileiro e o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, para a 12ª Semana Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que este ano tem como tema "Museus: as coleções criam conexões".

Esta exposição nasceu da inquietação destas instituições frente às máscaras como objetos, que fazem parte de diferentes contextos das sociedades humanas, sejam elas indígenas, africanas ou brasileiras, e que há milênios vêm sendo usadas para fortalecer contatos com as divindades, assegurando êxitos nas festividades, nos atos de criação e destruição, na procriação, nas lógicas sociais das homenagens aos líderes, nas expressões de saudações que marcam os encontros e as despedidas. Inúmeras são as possibilidades ritualísticas e sociais das máscaras.

Assim, o objetivo desta exposição é possibilitar diferentes reflexões sobre a arte, a estética e a cosmologia de povos tão diferentes, justamente a partir de um objeto tão singular.



# As Máscaras Indígenas do Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia – UFBA

As máscaras realizam conexões com os rituais, a magia e a ludicidade, elementos que possibilitam a estes objetos um local de destaque nas cosmologias dos diferentes grupos humanos. Mais que artefatos, são meios para interpretar o mundo físico e imaterial. Berta Ribeiro define assim uma máscara:

Entendemos por esse termo – empregado, geralmente como sinônimo de indumentária ritual – os disfarces de dança que personificam entes sobrenaturais antropomorfos e zoomorfos. No presente contexto, a palavra máscara indica todo o traje e não apenas a “cara”. Isto é, inclui a veste tubular de líber, a gola e o saiote de palha, ou a veste traçada que cobre a quase totalidade do corpo do dançarino. (RIBEIRO, Berta, 1988, p. 304)

Desta forma, esse objeto materializa seres cósmicos e do cotidiano, que fazem parte da imaginação das coletividades desde os tempos mais remotos, e que algumas vezes estão associados à felicidade, agouros e promessas de dias melhores.

As máscaras muitas vezes são representadas como macho e fêmea. Por outro lado caracterizam gestos e propiciam a reprodução de sons, movimentos característicos dos seres retratados, como quando participam de danças para cortejos, para namoro e para o casamento. Outras tantas máscaras são produzidas e utilizadas para ritos que estabelecem processos de cura, preparam os guerreiros para as batalhas, entregam o corpo a eternidade e estabelecem conexões entre os mundos dos vivos e dos mortos.

Exemplo destes usos das máscaras ocorrem com a sociedade indígena Waurá, habitantes das Terras Indígenas do Xingu, que possuem como elemento ritual a



representação de máscaras em um determinado mito. No caso desta etnia, consiste no mito *apapaatai*, seres centrais da ontologia deste povo, espíritos que auxiliam os xamãs. Barcelos Neto define a máscara como uma categoria complexa de seres extra-humanos visto apenas em ocasiões situacionais como sonho, transe, morte, ou nas ocasiões em que são confeccionadas para as festas. A doença e a cura parecem ser os principais canais de comunicação com estes seres extra-humanos.

As peças indispensáveis da construção estética das máscaras Waurá, são denominadas por *paakaié* (o rosto) e a *otowonai* (roupa para a cabeça), onde é possível especificar a identidade atribuída ao ser que se apropria da máscara, sobretudo através das técnicas de pinturas mais elaboradas. Já as saias, mangas e calças, mesmo que se diferenciem de acordo com o tipo de máscara, possuem formas mais genéricas.

# As Máscaras Indígenas do Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia – UFBA

Conforme BARCELOS NETO (2004), o processo de construção dos desenhos e pinturas nas máscaras ocorre de modo imediato e sua validade está presente no momento do ritual, devendo agir de modo terapêutico. Quem detém conhecimento acerca dos símbolos grafados são as pessoas envolvidas no processo ritualístico.

Assim, este autor ressalta que através das máscaras existiria a possibilidade do mergulho nos mitos fundadores que são fundamentais para compreender a cosmologia xinguana, que é a possibilidade de um ser transformar-se em outro (humano em *apapaatai*) a partir do uso de uma “roupa” (máscara). Esse princípio de “travestismo” cosmológico aplica-se à quase todos os seres extra-humanos, e em situações rituais, aos próprios xinguanos que vestem as “roupas” corporificando-se em *apapaatai*. Esse sistema de transformações permite então que os Waurás circulem pelos dois mundos, o material e o espiritual.

Estas informações são essenciais para que possamos compreender estes objetos mnemônicos em uma exposição, já que é necessário buscar contemplar as dinâmicas humanas tanto das sociedades indígenas, quanto das africanas e afro-brasileiras. As máscaras estabelecem relações com os seres espirituais, assim como com a natureza que os cerca.

## **Fonte:**

BARCELOS NETO, Aristóteles. As máscaras rituais do Alto do Xingu um século depois de Karl van Steiner. *Société suisse dès Américanistes /Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft Bulletin* 68, 2004, p. 51-71.

\_\_\_\_\_. Arte, Estética e Cosmologia entre os Índios Waurá da Amazônia Meridional. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

RIBEIRO, Berta. Dicionário do artesanato indígena. São Paulo: USP, 1988, p. 304



# Máscaras Africanas e Afro-Brasileiras da coleção do Museu Afro-brasileiro da UFBA

As máscaras aqui apresentadas fazem parte do acervo do Museu Afro-brasileiro e foram doadas por embaixadas e instituições em períodos diferentes (da década de 1970 a mais recentemente, 2013). Esta pequena mostra nos permite visualizar a grande variedade de estilos e materiais desta tradicional manifestação artística.

Os primeiros vestígios do ser humano na terra foram encontrados no continente africano. Dessa forma, fica evidente a antiguidade das produções artísticas dos diversos povos deste continente. Na arte tradicional africana algumas características são peculiares - por exemplo, o fato desta aparecer como um bem coletivo útil e sagrado, no qual está inserido no cotidiano das pessoas que a produzem.

Entre os povos da região ocidental do continente africano, sobretudo entre os povos Iorubanos e os povos Bantus, há rituais religiosos e não religiosos que fazem a utilização de um elemento material de suas tradições orais, que é a máscara ou o costume de mascarar-se.

Mascarar-se, entre esses povos diz respeito à possibilidade de se revestir da ancestralidade invocada para aquele momento sócio-cultural. Por essa razão, as máscaras não se limitam a uma cobertura do rosto ou da cabeça, mas sim de toda a extensão do corpo do sujeito, que sairá da sua condição física e humana para dar lugar às forças da tradição que ele representa (MORAIS, 2007, p.5).

A máscara, portanto, é apenas um dos elementos da performance, que se compõe também da música, da dança, da interação com os ouvintes e de todos os ensinamentos anteriores e



posteriores que concretizaram esse momento. Geralmente, essas máscaras mantêm uma estrutura estética tradicional, que guarda em si diversos processos ritualísticos, onde a oralidade está presente desde a sua concepção e confecção.

Seu uso exige do mascarado uma performance que se adeque gestualmente ao ser representado, seja ele humano ou animal. Portanto, a máscara não é confeccionada para se

# Máscaras Africanas e Afro-Brasileiras da coleção do Museu Afro-brasileiro da UFBA

adequar ao corpo do mascarado e sim o mascarado deve adequar o seu corpo ao ser que ele irá representar, produzindo movimentos que obedeçam a tradição e permitam que os espectadores reconheçam o ancestral ou animal ali presente. Quando esculpidas, as máscaras africanas não representam fielmente rostos humanos como em outras sociedades: nas suas representações elas vão transcender o plano terreno, elas são produzidas de forma que se perceba a sua ligação com o sobrenatural, com o *divino*. Mas, para as máscaras alcançarem o seu significado aqui na terra, elas precisarão do corpo humano, é o corpo desse ser que irá intermediar essa relação entre o mundo físico e o não físico (FERREIRA, 2014).

O significado das máscaras é muito difícil de ser compreendido pelos não-africanos, justamente porque elas estão carregadas de simbologia que exprime a cosmovisão de muitas sociedades africanas. Esses significados variam de um grupo étnico para outro, onde uma só máscara pode ter significados variados.

As máscaras africanas geralmente são esculpidas em madeira, e sua confecção passa por rituais desde a escolha de quem vai confeccioná-la até o ritual de purificação pelo qual o escultor irá passar, para que possa a partir daí, nascer uma nova máscara em substituição de outra. Quando essas máscaras estão expostas, fora do seu contexto, toda essa sacralidade não é visível aos olhos do público, as pessoas só podem observá-las enquanto forma estética.

Dentre os rituais de celebração às ancestrais femininas, destaca-se o culto Geledé. Neste espetáculo, máscaras e roupas são exibidas junto com muitas artes: dança, música, acrobacia,

etc. Máscaras e vestidos cobrindo todo o corpo são usados por homens a fim de homenagear e reconhecer o poder especial que as mulheres detêm. Geledé é uma forma de propagar respeito para as mulheres e ao mesmo tempo usando o espetáculo para entreter o público em geral. Também é uma forma de conscientizar, educar e mostrar o poder feminino na sociedade, tudo ao mesmo tempo (AKÍNÚLÍ, 2010).



**Fonte:**

MORAIS, Viviane. O costume de se mascarar: Brasil e África ligados pelo trabalho e pela festa. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007, p. 5

FERREIRA, Luzia. As Máscaras Africanas e suas Múltiplas Faces. S/D. Disponível em: <[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/luzia\\_gomes\\_ferreira.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/luzia_gomes_ferreira.pdf)> Acessado em 20/mar/2014.

AKÍNÚLÍ, Olúségun. Gèlèdè: o poder feminino na cultura africana-yorùbá. In Ìgbà Ábídí, África e diáspora: política, cultura, religião. Nº2, Mai. 2010.

## FICHA TÉCNICA

### UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

#### Reitora

Dora Leal Rosa

#### Vice-Reitor

Luiz Rogerio Bastos Leal

#### MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

##### Direção

Cláudio Luiz Pereira

##### Museólogos

Antônio Marcos de Oliveira Passos

Jurandir Oliveira da Silveira

##### Conservadoras-Restauradoras

Mara Lúcia C. Vasconcelos

Celina Santana

##### Corpo Funcional

Geovane Hilário da Silva

Alice Gomes

Izania Santos

Regina Lemos

Carlos Alberto Dantas

##### Bolistas

Hildelita Marques

Mauricéia Santos

Luana Vieira

Renata Cardoso

Cristiane Oliveira

##### Fotografia

Jorge Antônio do Espírito Santo Batista

##### Diagramação

Alice Meira Gomes

#### MUSEU AFRO-BRASILEIRO

##### Coordenação

Maria das Graça Teixeira

##### Museóloga

Maria Emília Neves

##### Corpo Funcional

Aurea Carvalho Alves

Marlene Santos da Silva

Devarnier Hembadoom

##### Conservação

Soraia Santos de Almeida

Zinalda Silva Ferreira

##### Pesquisa

Joaquim Filho

Romário Oliveira

Geancarlos Barbosa

##### Mediadores Culturais

Aislane Nobre

Gean Carlos Barbosa

Rafael Roque F. de Jesus

#### Realização



Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA | Museu Afro-Brasileiro/UFBA

Terreiro de Jesus - s/n - Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, Pelourinho, Salvador, Bahia. CEP: 40025-010

Tel.: 71 3283-5530 | [www.mae.ufba.br](http://www.mae.ufba.br) | [www.mafro.ufba.br](http://www.mafro.ufba.br)